

Santa Teresa: Imagem e Imaginário na Composição de um Espaço Praticado*

Marília L. Cafezeiro **Resumo**

RESUMO

Este artigo foi elaborado a partir das reflexões provenientes da dissertação de mestrado "Santa Teresa : espaço estruturado e espaço praticado". O nosso objetivo aqui foi enfatizar os aspectos da imagem e imaginário na construção do espaço praticado.

Inicialmente, apresentamos a área de estudo, procurando ressaltar a singularidade deste bairro. Em seguida, apresentamos as

diferentes imagens do bairro retratadas na mídia. No terceiro capítulo, enfocamos as abordagens conceituais importantes na caracterização do espaço praticado.

Esperamos que estudos como este contribuam no surgimento e manutenção de espaços cada vez mais praticados em nossa cidade.

PALAVRAS-CHAVE

Bairro; Imagem; Imaginário; Espaço praticado.

1. APRESENTAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

O bairro de Santa Teresa, na cidade do Rio de Janeiro, situa-se no Morro de Santa Teresa, que é composto por três morros - Nova Cintra, dos Prazeres e Paula Matos (GOVERNO DO ESTADO DA GUANABARA, 1971). Estes morros posicionam-se de um modo que dividem as zonas Sul e Norte da cidade, além de estarem em contato com a área central.

O relevo foi um fator importante em sua singularidade, por marcar o traçado das ruas, a técnica utilizada nas construções e a manutenção do bonde como principal meio de transporte (SOARES, 1965). Foi também o responsável pela ocupação inicial do bairro, realizada por pessoas de alto status. O custo elevado das construções nas encostas e a necessidade de automóvel para o acesso selecionaram os que podiam usufruir da proximidade do céu. O clima mais ameno e o

aspecto bucólico do bairro contribuíram para atrair esta população mais abastada, além dos estrangeiros. Com essa dificuldade de acesso, o bairro ficou protegido da intensa ocupação que se efetivou nas áreas adjacentes (BERNARDES, 1961).

Intelectuais e artistas também foram atraídos pelas características acima e levaram para o bairro uma série de atividades culturais. Muito famosos foram os salões literários promovidos por Laurinda Santos Lobo no início do século. Foi assim que a cultura tornou-se uma marca do lugar.

A declividade e a localização promoveram uma função tipicamente residencial, quebrada apenas por um comércio local de artigos de primeira necessidade. Esta função ainda se perpetua e, somada a outros fatores, confere ao lugar uma certa inércia diante dos processos de urbanização pelos quais vem passando a cidade (BOYNARD e SOARES, 1958).

A localização em área de encosta florestada, de onde vinham os rios que abasteciam a cidade

de água, foi um dos fatores responsáveis pela preservação do bairro. Desde o século XVIII, foram limitados os usos na área e, em 1984, Santa Teresa tornou-se a primeira área de proteção ambiental do país.

Até as últimas décadas do século XIX, Santa Teresa manteve suas características imponentes e aristocráticas. Porém, com as reformas promovidas no centro da cidade, este lugar foi procurado por uma população de menor poder aquisitivo que necessitava de habitação mais próxima ao centro. Esta população se deslocou principalmente para as ladeiras que desembocam na Rua Riachuelo e foi ocupando coletivamente antigas residências deixadas pela elite.

A partir da década de 1940, as oportunidades de emprego surgidas com a industrialização atraíram 40975 migrantes para a cidade do Rio de Janeiro, o que repercutiu no processo de formação de favelas. Foi nesta década que se iniciou o surgimento das mesmas no bairro, com exceção da favela da Rua Júlio Ottoni, que surgiu ainda no século passado (PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO, 1990).

Na década de 1970, vários empreendimentos imobiliários surgiram no local, o que tornou mais intensa a construção de edifícios voltados para a habitação da classe média. Este fato suscitou polêmica entre os moradores: alguns identificaram tais empreendimentos com a chegada do “progresso”; outros, alertaram para as conseqüências ambientais de grandes construções nas encostas.

O bairro de Santa Teresa hoje reflete, portanto, a estratificação social presente na cidade e no país. Apresenta em sua composição diversos segmentos sociais, convivendo e formando diferentes sub-espços. São exemplos, as favelas e as áreas de obsolescência, que dividem o bairro com as áreas das classes alta e média.

As diversidades sócio-espaciais encontram, recentemente, um nexu indesejável: o tráfico de drogas. Desde o início dos anos 90, o bairro vem sendo alvo dos tiroteios gerados pela disputa de poder entre facções divergentes do tráfico.

Resultado: desvalorização momentânea dos imóveis, sentimento de insegurança entre moradores e uma imagem negativa na imprensa. Hoje, a problemática da segurança continua a mobilizar os moradores que, diante da ineficiência do Estado, vêm criando formas alternativas de proteção e de valorização desse espaço.

2. UM OLHAR ATRAVÉS DA IMAGEM E DO IMAGINÁRIO...

O imaginário ainda é a válvula capaz de transformar a mercadoria e o consumo em conhecimento que se amplia e se torna mais complexo. (...) É necessário ver globalmente para descobrir-se localmente: sem dúvida, uma estranha estratégia, mas altamente informativa. Ou seja, exige-se a incrível mas possível tarefa de criar um outro cidadão global inserido na cidade dos nossos dias que, ao transformar-se vertiginosamente, desperta o imaginário como prontidão perceptiva e participativa para desvendar, nas imagens locais, suas correlações mundiais. (FERRARA, 2000. p.37)

Seria difícil analisar Santa Teresa sem tratar da imagem e do imaginário relacionados a este espaço. Suas sub-áreas, suas atividades culturais, seu comércio diferente do comum na cidade do Rio de Janeiro são explicados não só pela inércia das formas, como também pelas relações do morador com este lugar. Estas relações são traduzidas em vínculos afetivos fortes, marcados no discurso do morador e muito utilizadas pela imprensa, ao se referir ao bairro.

Nesta pesquisa, os acervos dos principais jornais da cidade foram fundamentais para recuperar o registro da fala do morador, principalmente dos antigos. Através de tais registros pudemos recompor o imaginário dos mesmos a respeito do bairro em foco. Também a forma como a imprensa vem tratando o bairro contribui na composição de sua imagem. Trata-se portanto de perceber que estes aspectos – da

imagem e, principalmente, do imaginário – são marcas deste bairro, importantes na sua caracterização e nas práticas sociais que se apresentam neste espaço.

Para Ferrara (2000, p. 38), a imagem e o imaginário urbano “são significados produzidos na cidade enquanto espaço que agasalha uma relação social. Portanto, são manifestações de dupla mão, ambos se referem à cidade enquanto espaço físico e construído e enquanto lugar que se individualiza naquele espaço (...)”²

Mas não significam a mesma coisa. A imagem é uma informação relacionada a um dado sólido, de contornos claros. Impõe uma leitura única, possui um único significado. Já o imaginário deriva da necessidade do homem de produzir conhecimentos, de “atribuir significados a significados” (idem, p.38). É um processo associativo, já que a partir de um primeiro significado, o homem cria vários outros.

A imagem organiza a cidade, torna-a simbólica e representativamente eficiente. (...) Ela solidifica o imaginário (...) constrói pela hierarquia de seus predicativos, um sistema de ordem que comunica um código, um modo de entender, avaliar e valorizar a cidade (FERRARA, 2000. p.46).

Há uma didática institucional que, através da imagem, ensina o que é e quem é, hierarquizando o espaço urbano. É ela que organiza e torna a cidade simbólica e representativamente eficiente.

O imaginário é montado através dos sentimentos, memórias, experiências e informações dos indivíduos, ele não condiz com a ordem e a segurança da imagem. Ele se apodera da mesma e a reconstrói, segundo a vivência e as práticas sociais (FERRARA, 2000).

As imagens estão fixas na paisagem do bairro. Marcam sua inércia, configuram o espaço construído. Estão presentes nos cartões postais da cidade como um espaço de um tempo quase estático. Entretanto, os cartões do bairro, aparentemente inertes, são os instantâneos de uma

realidade fortemente vivenciada pelos moradores.

O imaginário do bairro está na fala de cada morador. No que ele procura transmitir quando se pede que diga o que é o bairro de Santa Teresa. O imaginário do bairro espelha o que seus moradores sentem, como podemos ver na citação abaixo:

De vez em quando, isso é triste, diz um agrônomo belga que diariamente, praticando uma bengala, anda seus 82 anos pela Almirante Alexandrino até o Silvestre. Gosto da chuva, dos grilos, o meu passeio é indispensável. A rua é um mundo, são mundos. Pacíficos, aqui em cima, e em pé de guerra, lá em baixo. Enfim, diz ele entre suas barbas brancas num português correto, em nenhum lugar do mundo eu poderia viver em paz, a 10 minutos do centro de uma grande metrópole. Com florestas e favelas. (...) [grifos nossos]. (Jornal do Brasil, 12/10/1971)³

Muito nos intrigou o fato de, nas entrevistas realizadas em comunidades carentes, os aspectos mencionados a respeito do bairro serem os mesmos das outras áreas. A tranquilidade, os eventos culturais, a paisagem, o bonde são características sempre evidenciadas pelos moradores, independentemente da área onde morem. Mesmo em áreas consideradas violentas, como no Morro do Fogueteiro, a tranquilidade aparece como um dos motivos pelos quais os moradores gostam de Santa Teresa.

Tranquilidade, valorização da natureza e preservação das formas arquitetônicas não atingem o bairro como um todo. Há áreas em que os imóveis estão bastante deteriorados, como aquelas situadas na área de obsolescência. Outras são nada tranquilas, como as favelas mais violentas; e há ainda aquelas em que a natureza já não se encontra tão preservada como antigamente. E por que, então, tal uniformidade no discurso?

Trata-se, provavelmente, do que TORRES RIBEIRO (1988) denomina de “produção da aparência”, de “valorização de uma estética consumidora e contemplativa” e ainda de uma

tradição do discurso, reproduzido às vezes sem análise ou julgamento da realidade.

Desta forma, compreende-se a teoria:

Estes processos, evidentemente, acentuam os mecanismos sociais de apropriação face aos mecanismos sociais de produção; orientando o recuo social dos atos participativos que envolvam o trabalho e, sobretudo, a elaboração coletiva de projetos de longa execução.

Entendemos, por outro lado, que a produção social da contemplação – de paisagens e culturas – não implique, hoje, no resgate de antigas práticas poéticas ou de práticas resistentes à ética capitalista do trabalho; mas, sim, que envolva a agilização planejada da circulação contínua de pessoas e mercadorias.

Para que esta circulação mais rápida ocorra ganham importância recente aquelas técnicas e procedimentos que permitam a adaptação, a superficialização de elementos constitutivos da cultura e do espaço. É na produção deste processo de superficialização do tecido social que pode ser reconhecido, atualmente, o papel essencial exercido pelas imagens visuais (TORRES RIBEIRO, 1988. p. 270)

Aspectos da imagem valorizam o bairro de Santa Teresa, o que interessa aos proprietários de imóveis, principalmente das áreas nobres do bairro, bem como aos empresários do turismo. Daí o governo criar, no Projeto Rio Cidade – Santa Teresa, o incentivo ao turismo no local, retomando a ligação do bondinho ao Silvestre, de onde seria possível uma articulação para o Cristo Redentor. Por outro lado, a preservação e divulgação desta imagem esconde as áreas pobres e omite a violência nelas presente, apresentando uma “boa imagem” da cidade no exterior.

Coexistem, portanto, imagem e imaginário em Santa Teresa. Aspectos do bairro são utilizados fora de seu contexto, procurando valorizá-lo para

nele imprimir uma “ordem de fora”, que está preocupada mais com o lucro do que com a qualidade de vida dos moradores, como o turismo e a especulação imobiliária. Neste sentido, trata-se de fato de acentuar os mecanismos de apropriação e de restringir o papel dos mecanismos sociais de produção do lugar.

Paralelamente, os aspectos do imaginário reproduzem a vivência dos moradores, seu apego às formas antigas e seu cotidiano. É este sentimento pelo bairro que se traduz, na prática, em um empenho na defesa da qualidade de vida.

Ao que parece, estamos lidando com dois discursos: um que reproduz a fala do morador de modo descontextualizado, impondo-se por todos os espaços e uniformizando o que na realidade é diferente.

O outro discurso, aparentemente igual porque também se baseia nos aspectos da paisagem, é na realidade uma ampla defesa dos aspectos cotidianos do bairro. Ele não pretende inseri-lo numa “ordem de fora”, mas sim resguardar e valorizar seus aspectos simbólicos, que na prática representam a história do lugar e de seus moradores.

Para este artigo, selecionamos apenas as notícias que mais evidenciam a relação dos moradores com o bairro e/ ou como o bairro é visto pela imprensa. Entendemos que esta relação explica a adoção de atitudes de defesa do bairro por parte dos moradores, fazendo deste espaço um espaço praticado.

A partir das reportagens dos jornais⁴, notamos alguns aspectos importantes para a caracterização do bairro.

A) O BAIRRO COMO LUGAR DE TRANQUILIDADE, DE PRESERVAÇÃO AMBIENTAL (INCLUINDO O PATRIMÔNIO HISTÓRICO) E DE UM "TEMPO QUE NÃO PASSOU"

Um bairro que conserva ainda a tradição carioca de lazer e tranquilidade; a acolhida cativante ao turista; a tradição do verde e a beleza arquitetônica de suas

ruas e casas; o aprazível isolamento e quietude de um tempo há muito recolhido às páginas da história da cidade. (Última Hora, 26/05/1975)

Ou como, no mesmo ano, o jornal “O Globo” referia-se a Santa Teresa como “Um bairro com jeito de passado”, à viagem de bondinho como “uma viagem que mata o tempo e a saudade” e à delegacia do bairro como possuindo “um ar de retiro” traduzindo, portanto, a calma do bairro.

Também é comum a referência ao bairro de Santa Teresa como o lugar onde o Rio Antigo tem seus últimos vestígios: “Ali ainda permanecem vivas (precariamente, como na Gamboa e na Saúde) as lembranças de uma cidadela de sonhos, velha e teimosa, observando do alto a cidade que, a seus pés, se tornou metrópole, gigante, internacional e incontrolável”. (O Globo, 1976)

B) UM BAIRRO DE ARTISTAS

A “imagem artística” do bairro, presente na fala e no sentimento dos moradores (e, portanto, em seu imaginário) é também constante na imprensa. Manchetes como “Artistas e intelectuais buscam a paz do morro” costumam tratar da opinião dos mesmos sobre o bairro. Os exemplos são: Luís Canabrava, pintor, para quem “Santa Teresa é uma espécie de torre de marfim, um lugar isolado para se criar”; Paschoal Carlos Magno que confessava “*embora Santa Teresa não tenha a preocupação de dizer que é um bairro de artistas, o fato é que eles sempre buscaram o morro, em todas as épocas*” e o escultor Moriconi: “isto aqui representa a paz de viver”.

Outras demonstrações do imaginário dos moradores importantes nesta caracterização são citadas a seguir: “Eu creio que o bairro de Santa Teresa é assim um tanto carmelita, um tanto conventual, um tanto artístico, exatamente porque nasceu à sombra de um mosteiro”. - Antônio Carlos Vilaça, escritor (O Globo, 20/05/1979)

E contradizendo a imagem de um bairro violento:

Invenção, uma injustiça com o morro - brada o filho talvez mais apaixonado de Santa Teresa, o embaixador Paschoal Carlos Magno - O bairro é tranqüilo, faz-se um grande alarde por este ou aquele assalto. (...) São cinco horas. Estou aqui na minha pequena cidade da montanha, não ouço buzinas de carros, nem o ronronar deles na grande cidade lá embaixo. Vejo o mar, os morros. É o lugar mais lindo do mundo.” (O Globo, 20/05/79)

Constatamos nestes depoimentos de artistas da época, verdadeiros testemunhos de um imaginário que foi sendo aos poucos traçado por eles mesmos, encantados por este sítio⁵. Hoje, relacionar o bairro à presença dos artistas é uma forma de valorizá-lo, de atrair para este espaço atividades e projetos que vêm criando uma imagem singular, distinta da imagem violenta apresentada, recentemente, na mídia.

C) O BAIRRO COMO “UMA CIDADEZINHA DO INTERIOR”

Uma outra representação é a de “uma cidade do interior”. A frase citada por Paschoal Carlos Magno (“Estou aqui na minha pequena cidade da montanha”) é bastante utilizada por outros moradores para se referir ao bairro. Observemos a notícia publicada em “O Globo” de 19/10/1982, que dá destaque a alguns moradores-personagens, como o Vovô da Arara, que durante 63 anos manteve a Merceria Progresso, no Largo das Neves.

Santa Teresa e, em particular, este largo é um lugar diferente dos outros. Aqui a gente vive em família, todo mundo se conhece. Eu estou sempre com as portas abertas porque o pessoal precisa. Às vezes, chega visita de última hora e eles vêm aqui me solicitar. É uma questão de amizade, e

não de comércio. Antônio Pinto Alves da Silva, o Vovô, comerciante mais antigo do bairro. (O Globo, 1982)

Ou a portuguesa Maria Augusta e seu marido que eram os donos do bar do “Seu João”, também situado no Largo: “Segundo ela, o Largo das Neves é muito parecido com uma cidadezinha do interior, onde todos se conhecem, se respeitam e procuram se ajudar uns aos outros” (O Globo, 1982).

Toda a área do Largo das Neves e seu entorno (conhecida como Paula Mattos) foi ocupada inicialmente por peixeiros de origem italiana e portuguesa. Transferiram-se do Morro do Castelo em 1922 para este local e formaram uma comunidade de população fixa. As famílias mantêm-se ainda neste lugar, sendo incomuns as mudanças de residência (MAIO e MOCELLIN, 1974). Há, inclusive, uma Associação Calabresa onde são promovidas festas e festivais de massa.

Os velhos estabelecimentos comerciais do bairro são, ainda hoje, retratos da vida de Santa Teresa. Mantêm a aparência antiga, tanto no que se refere à arquitetura e ao mobiliário quanto na maneira de lidar com os fregueses. Preservam relações que lembram o cotidiano do “Rio Antigo”, como o hábito de anotar as contas em cadernetas. O Armazém Santiago, na Rua Áurea, o armarinho do seu Farah, na esquina da rua Paschoal Carlos Magno com rua Felício dos Santos, os armazéns da rua Almirante Alexandrino e os estabelecimentos comerciais do Largo das Neves são apenas alguns exemplos de um comércio de esquina que marca as sub-áreas do bairro, concentrando atividades e pessoas.

D) CONFLITOS QUANTO À IMAGEM DE BAIRO TRADICIONAL OU BOÊMIO

Algumas notícias como “Santa Teresa – República dos Pacíficos”, publicada pelo Jornal do Brasil em 24 de abril de 1981, retomam a imagem de um bairro tranquilo, onde as relações de vizinhança ainda fazem parte do cotidiano, da presença dos artistas e de boêmios.

Esta imagem de boemia, no entanto, não é consensual, pelo menos no que se refere aos moradores. Já foi citada acima a contradição entre a vida tradicional, “conventual” no dizer de Vilaça, e esta outra boêmia. Era de se esperar: as duas faces do bairro não são muito simpáticas uma a outra, como foi comprovado mais recentemente quando da proibição da música ao vivo nos bares, apoiada por uma boa parte dos moradores e criticada por outra.

Você quer saber qual a imagem que tenho de Santa Teresa? Mas qual delas? A imagem do passado? Era um trecho do paraíso perdido. A do presente? Inquietante, aterradora, catastrófica. Devassidão por toda a parte, o bairro não foge mais ao padrão de vida urbana, povoado, como todo o resto da cidade, por jovens que não têm consciência do momento histórico urgente que vivemos. Quanto à imagem do futuro, entreviste a bela e suave figura de Santa Teresa. - Nunes Pereira, indianista, antropólogo e biólogo. (O Globo, 1979)

Alguns lugares são marcas destes aspectos boêmios: o já fechado bar do Adolfo, no Curvelo, o bar do Arnaudo, e os hotéis Bela Vista e Santa Teresa. O bar do Adolfo marcou o bairro como o lugar da boemia decadente, conforme se pode notar no depoimento do jornalista Victor Passos:

Houve época em que este bairro, pela boa localização, pela beleza e pelos baixos preços dos imóveis, (devido ao medo dos deslizamentos nas encostas), era muito procurado por artistas consagrados e iniciantes, pelo pessoal da contracultura. Aqui moraram Fagner, Luís Melodia, muitos artistas plásticos, poetas. Quem deu certo e ficou rico foi morar em Ipanema ou na Barra. Ficaram os que não deram certo, que não perceberam que o sonho acabou, um

peçoal que até deprime um pouco a gente. E é boa parte desse peçoal que frequênta o Adolfo” (O Globo, 04/01/1983).

Este depoimento é injusto com muitos artistas e moradores de Santa Teresa que “deram certo”, até com reconhecimento internacional. Mas a referência àqueles outros que não deram certo e aos aspectos deprimentes compõe uma imagem, característica da boemia⁶, dita, despeitosa.

Ainda relacionado aos aspectos boêmios do bairro, outra reportagem o considera “o reduto mais perfeito do desbunde carioca da década de 70”, citando inclusive como memória dessa época a existência até hoje do Hotel Bela Vista, “onde os descasados sempre encontram abrigo”.

Associada à boemia, a “chama militante” do bairro também foi resqúcio dos anos 70, e compunha um perfil político: “a esquerda foragida da ditadura escondeu-se em seus labirintos e debutou no terrorismo em 1969 aprisionando numa casa da rua Barão de Petrópolis o embaixador americano Charles Burke Elbrick”.

O BAIRRO VIOLENTO: ASSALTOS, CRIMES E TRÁFICO DE DROGAS

Um bairro fora das áreas de circulação da cidade, transitado principalmente por moradores, ruas calmas e desertas. Este isolamento favoreceu o aumento dos assaltos. Entretanto, precisamos ressaltar que um ou outro assalto não desmancham a imagem de um bairro tranqúilo, tal qual uma cidadezinha do interior. Isto demonstra a contradição que de fato se vive: os assaltos – em número proporcionalmente menor do que no restante da cidade – são evidenciados diante de um cotidiano de paz. Nos outros bairros, os assaltos e a violência são corriqueiros e já não provocam tamanho alarde. De qualquer forma, a reportagem do Jornal do Brasil, em 09/12/1984, identifica Santa Teresa como o bairro de menor número de ocorrências policiais na cidade. Até a década 90, a violência presente no bairro assim era caracterizada.

A partir deste marco, os furtos e assaltos passam a conviver com os tiroteios: a presença do tráfico de drogas em quase todas as 17 favelas do bairro passou a intimidar e a amedrontar os vizinhos.

Em junho de 1993, uma disputa pelo controle do tráfico de drogas no Morro dos Prazeres provocou pânico no bairro e foi acompanhada pelo início de uma imagem negativa na imprensa. A “guerra” atingiu imediatamente os moradores do Morro, que ficaram sitiados em suas casas durante 3 dias. Muitos deixaram definitivamente as residências. A polícia não resolveu a situação com a presteza necessária e durante alguns dias o bairro sofreu com o medo de tiroteios. Nas escolas, as aulas foram suspensas para garantir a segurança dos alunos. No final do mês, a notícia de que o tráfico provocara uma grande desvalorização nos imóveis do bairro que, segundo a ABADI (Associação Brasileira de Administradores de Imóveis), passou a ter o preço de aluguel semelhante aos bairros de Bangu, Realengo e Campo Grande. Um ano após o ocorrido, em 20/7/1994, o Jornal do Brasil apontava Santa Teresa como um bairro sitiado pelos traficantes. Denunciava o reduzido número de policiais e informava que os moradores estavam em pânico. Em maio de 1995, o problema continuou: outro conflito entre traficantes provocou a morte de 4 pessoas. Os apartamentos, que segundo a reportagem valiam em torno de 70 mil dólares, foram avaliados em 35 mil. A escola Suíça, o CEAT e as escolas públicas da área suspenderam as aulas por 3 dias e a Clínica São João de Deus “ficou sob fogo cruzado”.

Esta sucessão de transtornos é analisada com certa cautela por alguns moradores como algo que não atingiu todo o bairro, apenas as áreas das favelas e vizinhanças muito próximas. Eles acusam a imprensa de fazer sensacionalismo com os eventos, criando uma imagem negativa. Entretanto, como ocorre em outras áreas da cidade, não é incomum o barulho de tiros na madrugada...

As diferentes imagens expostas demonstram que o morador do bairro de Santa Teresa possui fortes laços com o lugar. Defender o bairro em

que mora inclui preservar não só os aspectos da paisagem, como os aspectos da história do bairro. Não é raro vê-lo vigiar a poda das árvores e alterações nas fachadas. Atitudes que demonstram sua eficácia para proteger o bairro da perda de identidade e das mudanças na paisagem.

O imaginário funciona, portanto, como a maneira de lembrar a todo momento um espaço diferente dos demais. Os moradores mantêm-se ativos, participantes e organizam-se para defendê-lo. Negam a imagem de violência apresentada na mídia. Para eles, este não é um espaço violento.

O imaginário vem-se constituindo de uma poderosa arma, sempre em prontidão, para a defesa das características e da identidade do bairro. A partir do sentimento do morador nota-se uma predisposição a adoção de atitudes de defesa deste espaço. Tais atitudes transformam este bairro num espaço singular, que precisa de ser compreendido através das práticas sociais.

3. O ESPAÇO PRATICADO

Nessas vias íngremes e sinuosas moram o sossego, a paz e a tradição. Passado e presente se misturam e cada criança que aqui nasce respira história, o signo do bairro. Somos fiéis guardiães das nossas raízes e restaurar o calçamento em pé-de-moleque é preservar a memória deste bairro onde famílias nobres viveram em imponentes casarões, irmandades fizeram a caridade em seus templos e conventos e onde crianças que hoje são homens importantes correram pelos becos, ruelas, ladeiras e escadarias.
ANTÔNIO PINTO ALVES DA SILVA,
o Vovô. (Jornal do Brasil, 13/11/1986)

A) A UNIDADE SE FIXA NA DIVERSIDADE

A singularidade e a unidade do bairro, marcas de Santa Teresa, são explicadas por características físicas e por práticas sociais. Estas práticas são responsáveis pela manutenção das formas,

preservação ambiental, convivência entre as áreas, atividades culturais etc.

Como o espaço é resultado do “casamento entre sistemas de objetos e sistemas de ações” (SANTOS, 1998, p.81) este e nenhum outro da superfície terrestre poderia hoje ser explicado apenas por seus dados físicos, materiais.

Na escala do bairro estão presentes objetos e ações que representam ordens diversas, “de dentro” e “de fora”. Isto ressalta as diferenças entre os espaços. Na presença simultânea do que vem “de fora” e do que foi criado “de dentro” é que, segundo Milton Santos, a diferença é ressaltada. Ao ser ressaltada, cria novas possibilidades de uso e de ação e, por isso, reeduca.

Há uma coexistência que promove maneiras próprias de o local se apropriar, responder, readaptar ou negar as ordens de fora. O novo representa uma necessidade externa e se impõe na escala local. Como não se pode impedi-lo, tenta-se redesenhá-lo. Para isto, é necessário uma ação coletiva, a fim de discutir como a ordem de fora será absorvida nos espaços locais: surgem, deste modo, novas práticas sociais.

Ainda para SANTOS (1998), as cidades são constituídas por “áreas luminosas” e “áreas opacas”. As primeiras são espaços da modernidade, velozes, racionalizados e racionalizadores, exatos. As últimas são espaços da lentidão, inorgânicos, abertos, aproximativos.

TORRES RIBEIRO e SILVA (1997) acrescentam, neste sentido:

A idealização da “cidade global” implicaria, ainda no adiamento de análises esclarecedoras do sentido social e cultural de intervenções no espaço urbano que, em nome de um futuro irrecusável, desqualificam memórias e experiências sociais, retendo a denúncia de formas contemporâneas de privatização de recursos públicos. Acreditamos, nesse sentido, que passado e futuro encontram-se inscritos no presente em mutação; porém,

a exacerbação do novo retém a compreensão dos processos de acomodação – mais ou menos violenta – da materialidade e da vida social (RIBEIRO e GARCIA, 1996). Além disto, a leitura unilateral da denominada globalização – por sua própria escala e teor – não prioriza, em geral, a identificação de atores sociais e institucionais que encontram-se concretamente envolvidos em atualizações seletivas da vida metropolitana. (TORRES RIBEIRO e SILVA, mimeo, 1997. p. 11.

Trata-se de uma “ordem de fora”, que se impõe nos espaços através dos homens velozes.

Nas áreas opacas, onde os avanços da modernidade demoram mais a chegar, os homens são mais lentos. Não podem acompanhar tanto as miragens do consumo, o que os deixa de certo modo fora da nova ordem. Por observarem o mundo de outro ângulo, do ângulo dos que quase nada possuem e sabem que pouco podem possuir, estes homens podem perceber as fabulações. Como estão em contato com o novo, com a variedade, com os migrantes, eles são capazes de realizar novas interpretações do que estão vendo. Por isso, as áreas opacas são aliadas do pensar: “Quem, na cidade, tem mobilidade – e pode percorrê-la e esquadrinhá-la -, acaba por ver pouco da cidade e do mundo” (SANTOS, 2000, p.84).

O espaço do bairro de Santa Teresa pode ser considerado até certo ponto uma “área opaca” e, por isso, vem resistindo aos vetores de fora que pretendem transformá-lo (representantes de interesses de classe, dos grandes agentes empresariais e de compromissos de campanha). A inércia e a diversidade de segmentos sociais evidenciam ainda mais as contradições presentes, o que promove o diálogo.

Algumas atitudes da população do bairro de Santa Teresa têm demonstrado essa efetiva participação em defesa da qualidade de vida, da preservação do bairro e de atitudes solidárias com

os segmentos sociais desfavorecidos. Diversos contratempos têm atingido as diferentes áreas sociais, embora sempre atinjam as classes populares de forma mais cruel. A questão da preservação ambiental e do combate à violência são claros exemplos. Demonstram como vivem os “homens lentos” de Santa Teresa.

B) A LUTA DO MORADOR, PROTEGIDO E PROTETOR, PELO CHÃO EM QUE PISA: PROBLEMAS AMBIENTAIS DO BAIRRO DE SANTA TERESA

A problemática ambiental deve ser compreendida enquanto consequência da produção, do consumo, das relações de apropriação e de distribuição que tornam cada vez mais complexa a relação natureza – sociedade.

Gottdiener esclarece: é a produção social do espaço que explica as relações sociedade – natureza e, conseqüentemente, a alteração e a degradação espacial. A organização sócio-espacial é “uma consequência direta das relações entre processos econômicos, políticos e culturais, na medida em que se vinculam à geografia regional de áreas metropolitanas” (GOTTDIENER, p. 196, 1997).

Ressaltemos: a degradação ambiental não acontece “naturalmente”: Ela se materializa no espaço como resultado das relações sociais que atingem a natureza (meio físico) e os homens.

Entender a natureza como algo exterior ao Homem e inferior às possibilidades da Ciência foi a justificativa para a utilização dos recursos naturais e a exploração dos próprios homens em benefício de um progresso que só atingiu uma parcela ínfima da sociedade. A Revolução Industrial, a Ciência e a Técnica têm um significado central na construção de um conceito de natureza que a separou do homem e justificou a utilização de recursos naturais e humanos em benefício de uma minoria (GONÇALVES, 1989).

É comum nas análises ambientais se priorizar as causas e os efeitos sobre o meio ambiente sem se colocar em pauta a análise de como se realizou,

socialmente, a produção daquele espaço degradado. A devastação ambiental que se perpetua e a sua responsabilidade são transferidas para os consumidores, sem conseguirmos identificar na realidade quem de fato as produziu (RODRIGUES, 1998).

No caso de um bairro residencial como Santa Teresa, este discurso é facilmente identificado quando se aponta a favelização como provocadora da degradação ambiental e dos deslizamentos de encostas. Ninguém se arrisca a morar em encostas deslizáveis espontaneamente. Os processos econômicos e sociais que conduziram seres humanos a residências capazes de destruir a si e à natureza têm que ser não só identificados como modificados.

Ter-se tornado área de proteção ambiental não foi solução para todos os problemas desta ordem no bairro porque a primeira proteção deve se dirigir aos moradores. No que se refere à preservação do casario, a lei da APA (Área de Proteção Ambiental) contribuiu em muito para evitar a modificação da paisagem histórica do bairro, principalmente no sentido de frear a especulação imobiliária. Entretanto, com relação às diferenças sociais pouco se tem feito para minimizar as disparidades. O que de fato pudemos verificar tem sido um aumento da exclusão social.

Segundo Rodrigues, o problema envolve a superação do atual paradigma científico – tecnológico. Ao se basear num conhecimento cada vez mais voltado para a produção de ciência e tecnologia, espacialmente concentrado, o capitalismo foi mundialmente ocupando e produzindo mais espaços e acentuando as desigualdades entre os mesmos. As desigualdades estão estampadas espacialmente, tanto em termos econômicos quanto em termos ambientais. Se é possível falar em crescimento econômico mundial, ele só atingiu alguns países, e de modo bastante desigual. De fato, a devastação ambiental tornou-se global e acompanhou as relações de exploração resultantes da divisão internacional do trabalho.

Concluindo: desde a colonização, alguns países vêm acumulando um histórico de degradação do ambiente que pode ser entendido como resultado de ter mantido estruturas sociais ultrapassadas e de sua situação de subordinação econômica⁷. Faz-se necessário, portanto, analisar a questão no âmbito do desenvolvimento do capitalismo, mas esta análise impõe questionamentos a respeito do modelo de desenvolvimento implantado nos países. Atualmente, utiliza-se atividades científicas e tecnológicas sem examinar as conseqüências de ter como meta uma acelerada produção de mercadorias e territórios descartáveis. As conseqüências desta implantação em termos mundiais evidenciam um quadro que altera e destrói o meio ambiente em proporções crescentes (RODRIGUES, 1998).

Já vimos vários temas que vêm pautando a história recente do bairro de Santa Teresa. Neles tentamos estudar a preservação, considerada tanto em seus aspectos ambientais, quanto culturais. O bairro possui um patrimônio admirado pelos moradores e turistas, o que muito contribui na sua valorização econômica. É assim que aspectos da paisagem o individualizam, distinguindo-o do restante da cidade, realçando sua singularidade e incentivando práticas sociais que contribuem para sua preservação.

b.1) O bonde

Na década de 70, período do “milagre brasileiro” e da febre da modernização, o bonde foi identificado pelo governo da Guanabara com o atraso. Era interesse do governo eliminá-lo e substituí-lo pelos ônibus, como nas demais áreas da cidade. O que ele não contava e surgiu foi a indignação dos moradores de Santa Teresa. Organizadamente⁸, exerceram pressão para permanência do bonde. Entre os motivos expostos pelos moradores para defender o bonde estão: a rapidez do transporte, a economia de combustível, proporcionada por um veículo elétrico e não

poluidor, a durabilidade dos veículos, as condições topográficas do bairro, que o bonde vence com mais facilidade e segurança do que os ônibus, a preferência de 92% da população, medida pelo IBOPE. Além de ser o bonde uma atração turística não só de Santa Teresa, mas da cidade.

Diante desta pressão, em 1982, o vice – governador do estado tombou o bonde. Infelizmente, isto não significou a preservação dos mesmos, porque a CTC (Companhia de Transportes Coletivos), alegando que o transporte era deficitário e não havia peças para reposição, entre outros motivos, não cumpriu a ordem governamental. Deixou de recuperar os veículos quebrados, colocando em risco o transporte dos passageiros.

Se os bondes transitam nos dias de hoje em Santa Teresa é porque os moradores organizaram a luta em sua defesa. É, pois, uma vitória deles. Este fato deu a Santa Teresa a peculiaridade de ser o único bairro da cidade a utilizar sua autonomia para decidir sobre o meio de transporte mais adequado para o seu sítio.

b.2) A primeira Área de Proteção Ambiental (APA) do país

A história do bairro é pontuada por projetos ecológicos como os da década de 1970: a “Campanha Popular em Defesa da Natureza – Projeto Ilha Verde”, que se propôs despertar a conscientização dos moradores para o assunto, e o da botânica Margareth Mee, que inventariou as áreas do bairro mais sujeitas a desmoronamentos e deslizamentos, denunciando também o corte de árvores.

São conhecidas as histórias a respeito de eventos de desmoronamento e deslizamentos no bairro, ligados principalmente ao desmatamento e à conseqüente ocupação desordenada das encostas. Claro, é necessário estudar os motivos da ocupação: dos que ocupam empurrados pela especulação imobiliária e daqueles que ocupam, vítimas da própria exploração. Tudo isto se inicia

na década de 40, e torna-se mais grave a partir de 1960, quando o avanço da verticalização sobre as encostas da cidade, a fragilidade dos solos, e as chuvas intensas provocaram tragédias.

É evidente a fragilidade da área, principalmente onde é maior a declividade e nas superfícies desmatadas. Formas de proteção e controle do uso do solo tornam-se indispensáveis para frear de alguma forma o avanço imobiliário no bairro.

Até 1984, o único instrumento legal de proteção que existia era o tombamento. A criação da Área de Proteção Ambiental de Santa Teresa determinou, entre outras coisas, a realização de estudos ambientais como condição de ocupação no bairro. Este instrumento, mais flexível que o tombamento, não deixava sem controle o avanço imobiliário, respondendo em parte às necessidades impostas pela fragilidade do ambiente local.

A Lei só foi regulamentada em 23 de abril de 1985, através do decreto 5050. Desta forma, permitiu a utilização bifamiliar dos lotes em algumas áreas (prevendo a possibilidade de criação de duas residências no mesmo lote) e o uso para atividades comerciais e serviços foi restrito a áreas do bairro. Qualquer obra ou demolição que viesse alterar as fachadas das casas deveria passar por uma autorização da Diretoria de Patrimônio Cultural e Artístico. Os estabelecimentos comerciais, deveriam realizar um estudo de avaliação de impactos ambientais.

b.3) De APA à APAC (Área de Proteção Ambiental e Cultural)

Nessas vias íngremes e sinuosas moram o sossego, a paz e a tradição. Passado e presente se misturam e cada criança que aqui nasce respira história, o signo do bairro. Somos fiéis guardiães das nossas raízes e restaurar o calçamento em pé-de-moleque é preservar a memória deste bairro onde famílias nobres viveram em imponentes casarões, irmandades fizeram a caridade em seus templos e conventos e onde crianças

que hoje são homens importantes correram pelos becos, ruelas, ladeiras e escadarias - Antônio Pinto Alves da Silva, o Vovô, comerciante mais antigo do bairro.

Cada ladeira dessas guarda um pouquinho do meu passado. Em primeiro lugar porque os africanos, meus antepassados, colocaram cada uma dessas pedras debaixo das chibatas dos feitores e do sofrimento com a distância de suas origens. Além disso, guardo boas lembranças de quando tinha forças para ir aos forrós e à Igreja de Nossa Senhora das Neves, que fica na esquina da rua Santo Alfredo com o Largo das Neves. - Cecília Aniceta, então com 84 anos. (Jornal do Brasil, 13/11/1986).

A preocupação com a preservação do bairro de Santa Teresa também se faz sentir com relação a seu patrimônio cultural. A atitude de vigilância dos moradores para com as alterações de fachadas é permanente, o que resultou no tombamento de alguns imóveis. O tombamento dos calçamentos das ruas Santo Alfredo, da Ladeira do Viana, da Ladeira do Durão, da Ladeira do Meireles e Travessa Cassiano são exemplos.

Estas ruas são calçadas por pé-de-moleque da época do Império. Do conjunto, a rua Santo Alfredo é a mais peculiar por possuir ainda o sistema de talvegue, com meio fio no meio da rua, permitindo melhor escoamento.

Conforme estamos vendo, a preocupação com a preservação ambiental e cultural do bairro tem se refletido numa atitude de vigilância com relação às obras nas casas antigas e quaisquer alterações que transformem a paisagem. Atentos, os moradores denunciam as irregularidades e cobram das autoridades providências efetivas, que evitem as alterações do casario.

Um projeto importante neste sentido foi o "Cores de Santa Teresa", realizado em dezembro de 1997. Procurou promover ações de mobilização e conscientização em busca de uma melhor qualidade de vida para o bairro. Através de uma cartilha, orientou os moradores

interessados que receberiam o material da pintura (tinta e massa) das casas e, dependendo das obras realizadas, poderiam requerer a isenção do IPTU. Foi o primeiro passo para transformar o bairro em Área de Proteção Ambiental e Cultural.

Entre os objetivos do projeto estava o de semear a auto-estima do bairro, abalada desde 1992, quando foi associado a lugar de tiroeteio entre traficantes de drogas. De 50 prédios escolhidos, 32 proprietários aceitaram participar. Vestir as casas era como vestir os moradores...

A criação do Parque das Ruínas também se realizou no âmbito do projeto, em 1997. A então administradora regional Rachel Jardim disse que a inauguração do Parque das Ruínas, onde eram as ruínas da casa de Laurinda Santos Lobo (lugar de tráfico de drogas e mendigos), gerou reflexos em toda a rua. A partir da inauguração do parque, várias pessoas decidiram melhorar suas casas.

b.3.1. O "Viva Santa", "Arte de Portas Abertas" e os "Festivais de Inverno de Santa Teresa"

Um assalto que resultou na morte de uma professora fez os moradores se organizarem e "darem um basta na violência do bairro". Criaram o "Viva Santa", um "ato de amor" ao bairro, uma atitude dos moradores que identificavam problemas, mas queriam resolvê-los, porque não pensavam em mudar-se.

O "Viva Santa", informa Roberta Alencastro, uma das diretoras, é uma organização da sociedade civil que pretende diagnosticar "problemas existentes no bairro". Sua atuação aborda os aspectos de âmbito cultural, social e ambiental. Um de seus eventos mais importantes é o "Arte de Portas Abertas". O objetivo era "mostrar ao morador que este não é um bairro de bandidos e marginais como estava anunciado na imprensa. É um bairro de artistas e de produção cultural. Exemplo disto são os 90 artistas que abrem os ateliês". Ao abrir as portas de casa, os artistas questionam a imagem da violência, já que um bairro violento não combina com esta atitude.

A partir destas experiências, novas táticas surgiram para combater a violência no bairro. A integração entre os moradores das diferentes áreas do bairro são importantes neste sentido. No Arte de Portas Abertas, os moradores das comunidades carentes participaram como “Meninos Aprendizes”, trabalhando junto com os artistas nos ateliês ou como guias dos eventos. Assim, sem tiros, os moradores inovam nas táticas de defesa contra a violência e as drogas.

Há também atitudes individuais que procuram incentivar a cultura. No bairro, há três centros culturais instalados em casas que foram doadas ou cedidas: a “Casa de Cultura São Saruê”, o “Teatro Duse” e a “Casa do Comitê da Ação e Cidadania contra a Fome”. O primeiro, criado pelo General Umberto Peregrino, dedica-se à literatura de cordel; o segundo, conforme já citamos, foi obra do dramaturgo Paschoal Carlos Magno e é um espaço dedicado ao teatro e a exposições; o terceiro e mais recente foi cedido à Ação e Cidadania Contra a Fome e vem desenvolvendo atividades culturais para as comunidades carentes de Santa Teresa. Neste espaço, as crianças têm aula de dança, capoeira, teatro, percussão, bonecos, circo e, ao final do ano, apresentam um espetáculo na campanha do Natal sem Fome.

Por último, resta-nos sublinhar a atuação da AMAST (Associação de Moradores de Santa Teresa) que realiza um trabalho cotidiano de vigilância da qualidade de vida no bairro, participando e convocando os moradores para todas as lutas aqui mencionadas. Age praticamente sem recursos financeiros, contando apenas com a militância de seus diretores e não possui sequer uma sede. Mas realiza um trabalho de conscientização permanente, trazendo para o bairro inclusive a discussão de temas políticos nacionais.

As questões de ordem ambiental, social e cultural do bairro de Santa Teresa têm sido, portanto, motivo de preocupação dos habitantes. A população tem-se mostrado muito atuante e informada a respeito dos problemas que atingem o bairro, conseguindo através de suas lutas criar novas atitudes para com o mesmo.

A paisagem que existe hoje no bairro de Santa Teresa, não é apenas resultado de rugosidades¹⁰ que se mantiveram no espaço, mas sim o resultado de ações concretas desta população que vem mantendo tais características, apesar das inúmeras tentativas em sentido contrário. Num momento mais recente, o governo já vê a importância da preservação dos aspectos culturais e ambientais, inclusive porque tem consciência dos lucros que tal espaço pode gerar como espaço de turismo.

A preservação, de acordo com esta lógica, não se faz igualmente em todas as áreas. Percebe-se uma diferença na paisagem preservada das áreas mais nobres e naquela degradada das favelas, onde inclusive os impactos ambientais são mais sérios. Como afirmamos inicialmente, esta questão é reflexo de uma política de exclusão que atinge os segmentos sociais mais pobres de nosso país, de nossa cidade e do bairro de Santa Teresa.

4. CONCLUSÕES _____

Percebemos que o bairro de Santa Teresa exerce a função de moradia para diferentes segmentos sociais da cidade do Rio de Janeiro. A disparidade de renda, que nele se apresenta de forma contígua, é expressão das contradições existentes. Representa a unidade do bairro e sua diversidade: ricos, pobres, letrados, desletrados, cidadãos, bandidos.

As diferenças em termos de infra-estrutura, de possibilidades e acessos apresentam-se aos olhos de qualquer visitante. Entretanto, são mais do que paisagens diferenciadas: demonstram as formas de tratamento dadas pelo Estado aos diversos segmentos sociais existentes.

Um certo isolamento dos demais bairros, já que até bem pouco tempo as ruas que cortam caminho para o centro não eram utilizadas com este fim, somado ao fato de muitos moradores residirem em casas acabaram por preservar as relações de vizinhança. Desta forma, neste espaço, vizinhos se conhecem e compartilham o cotidiano, mesmo que sejam de áreas sociais diferentes. Este

cotidiano de relações intensas criou fortes vínculos das pessoas com o bairro, importantes nos momentos em que a modernização projetada pelos órgãos governamentais implica em perda da qualidade de vida.

Sendo uma área com características físicas marcantes, que vão desde o relevo singular ao principal meio de transporte, tais relações de vizinhança proporcionaram uma grande participação e controle dos moradores deste espaço. Pode-se dizer que a inércia do bairro, resultado das formas preservadas e da manutenção do bonde é, sobretudo, fruto de um intenso movimento de participação e organização dos moradores, defensores deste espaço e deste estilo de vida.

Hoje, diante do modelo neoliberal que agudiza as contradições sociais e acaba por intensificar as posturas individualistas, novas formas de participação - até inesperadas - surgem no bairro. No momento em que os moradores foram vítimas da violência gerada pela rivalidade entre os traficantes presentes na grande maioria das favelas do bairro, a resposta não foi de isolamento e segregação. Pelo contrário, novas práticas sociais vêm sendo construídas na intenção de aproximar estes segmentos sociais e criar oportunidades de qualificação e de lazer para as comunidades carentes. Ressaltamos que tais atitudes têm partido dos moradores e não dos órgãos governamentais existentes para este fim. Procuramos relatar tais práticas evidenciando seu papel na construção, preservação e valorização deste espaço.

Como lembra Milton Santos (1997, p.252), os lugares estão irrecusavelmente imersos numa comunhão com o mundo, mas é esta mesma imersão que ressalta seus próprios significados. Por outro lado, a proximidade – contigüidade física das pessoas, característica do espaço limitado e inerte do bairro de Santa Teresa -, contribui para intensificar as inter-relações, podendo criar laços de solidariedade, laços culturais e identidades. A vizinhança pode, baseada nas experiências vividas, criar consciência e novas atitudes de defesa de seus espaços.

Esta possibilidade está marcada nas ruas de Santa Teresa e nas atitudes de seus moradores. Cada espaço preservado ou tombado do bairro foi certamente fruto desta capacidade de reação. Hoje, com a preservação ambiental e do casario garantidas pela lei, falar de qualidade de vida no bairro evidencia a necessidade de se criar novas maneiras para defender a dignidade de seus moradores, independente da área social em que estejam inseridos.

NOTAS

* Enviado para publicação em Abril de 2003. Aceito para publicação em junho de 2003. E-mail: m.café@terra.com.br

¹ Defendida em 27/06/2001, no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

² Cf. Ferrara, 2000.

³ PERIN, Orivaldo. Santa Teresa teme perder a paz na invasão do progresso. *Jornal do Brasil*, 12/10/1971

⁴ Devido ao tamanho do artigo, foram suprimidos muitos depoimentos da pesquisa, sendo expostos aqui apenas os mais importantes.

⁵ Trata-se do espaço físico onde se assenta, neste caso, o bairro. É um dos elementos destacados na Geografia Urbana clássica para a caracterização da noção de bairro (Cf. Soares, Maria Therezinha de Segadas. O conceito geográfico de bairro e sua exemplificação na cidade do Rio de Janeiro. *“Boletim Carioca de Geografia”*, II(3-4), 1959. E SOUZA, Marcelo Lopes de. O bairro contemporâneo: ensaio de abordagem política. *“Revista Brasileira de Geografia”*, Rio de Janeiro, 51(2): 139-172, abr./jun., 1989.

⁶ SEIGEL (1992) aponta o surgimento da boemia entre os anos 1830 e 1840, na França. O contraste – quase conflito – com a vida burguesa, um estilo de vida marginal, dramaturgo de suas identidades e destinos sociais caracterizaram tal grupo. Este dramatizava não só a própria vida como também a política. Sob a alegação de que “Viver era mais importante”, os boêmios (artistas jovens e burgueses) tomaram parte em grandes confusões, o que criou uma imagem decadente a eles associada. No caso da cidade do Rio de Janeiro, tais aspectos são mais facilmente identificados na Lapa do fim do século XIX e início do XX (ANTONIO apud EIGEL, 1992).

Entretanto, alguns aspectos da boemia vêm-se mostrando presentes no bairro de Santa Teresa: O número considerável de artistas, alguns de estilo 'alternativo', de ateliês e a vida noturna tornaram a associação à Montmartre e à boêmia freqüentes.

⁷ Lacoste, Yves. Apud Rodrigues

⁸ Uma das maneiras de atuação na época da repressão era através das escolas, com desenhos das crianças pedindo a preservação dos bondes. Mais tarde, houve, inclusive, uma Associação dos Amigos do Bonde de Santa Teresa.

⁹ Entrevista realizada com Roberta Alencastro, produtora cultural, moradora do bairro desde 1993, em 29/06/1998.

¹⁰ Para Milton Santos, rugosidades são formas remanescentes de períodos anteriores. (Cf. Santos, Milton. Espaço e Método. São Paulo, Nobel, 1985, p.55.)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNARDES, LYSIA Maria Cavalcanti. Expansão do espaço urbano no Rio de Janeiro. Revista Brasileira de Geografia, Rio de Janeiro, ano XIII, n.º 3, pg. 495-526. julho - setembro de 1961.

BOYNARD, Aluisio Peixoto e SOARES, Maria Thereza Ribeiro. Santa Teresa, um bairro residencial no centro do Rio de Janeiro. Boletim Carioca de Geografia, Rio de Janeiro, XI, p.77-88, agosto de 1958.

FERRARA, Lucrecia D'Aléssio. Cidade: Imagem e Imaginário. IN: WEYRANCH, Cleia Shiuvo. Três visões de cidade. Rio de Janeiro: UERJ, 2000. 297 p. p. 53-90.

GONÇALVES, Carlos Walter P. Os descaminhos do meio ambiente. São Paulo: Contexto, 1989. 148 p.

GOTTDIENER, Mark. A produção social do espaço urbano. São Paulo: EDUSP, 1997. 310 p.

GOVERNO DO ESTADO DA GUANABARA. Monografia sobre a XXIIIª Região Administrativa - Santa Teresa. Rio de Janeiro, 1971, 84 p.

MAIO, Celeste Rodrigues; MOCELLIN, Rachel Silvia Jardim. Paula Matos, uma comunidade italiana do Rio de Janeiro. Revista Brasileira de Geografia, Rio de Janeiro, v. 36, n. 1. jan./mar. 1974.

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. Santa Teresa: a cidade na montanha. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, 1990, 110 p.

SANTOS, Milton. A natureza do espaço - Técnica e Tempo. Razão e Emoção. São Paulo: Hucitec, 1997. 392 p.

_____. Técnica Espaço Tempo - Globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo: Hucitec, 1998. 190 p.

_____. Por uma outra globalização. Rio de Janeiro: Record, 2000. 176 p.

RODRIGUES, Arlete Moysés. Produção e consumo do e no espaço - problemática ambiental urbana. São Paulo: Hucitec, 1998. 212 p.

SIEGEL, Jerrold. Paris Boêmia. Cultura, política e os limites da vida burguesa- 1830-1930. Porto Alegre: LPM, 1992. 184 p.

SOARES, Maria Therezinha de Segadas Soares. Fisionomia e estrutura do Rio de Janeiro. Revista Brasileira de Geografia, Rio de Janeiro, ano XXVII, n. 6. jul./Set., 1965.

TORRES RIBEIRO, Ana Clara. Rio - Metrópole; a produção social da imagem urbana. 325 fls. Tese (Doutorado em Sociologia), Universidade de São Paulo, São Paulo, 1988.

_____. Urbanidade e Vida Metropolitana. Rio de Janeiro: Jobran, 1996. 116p.

_____. & GARCIA, F.S. "City marketing: a nova face da gestão da cidade no final do século. In: REIS, ELISA; Almeida, Maria Herminia T. de e Fry, Peter (org.). Política e Cultura: visões do passado e perspectivas contemporâneas. São Paulo, Hucitec- ANPOCS, 1996.

TORRES RIBEIRO, Ana Clara & SILVA, Cátia Antonia. Impulsos globais nas metrópoles da periferia capitalista. In: CICCOLELLA, Pablo (coord.). Territorios em redefinicion - lugar y mundo em América Latina. VI encontro de geógrafos da América Latina. Buenos Aires, 1997. CD-ROM.

Jornais e periódicos citados:

PERIN, Orivaldo. Santa Teresa teme perder a paz na invasão do progresso. Jornal do Brasil, 12/10/1971.

Santa Teresa, beleza com muitos problemas. Última Hora, 26/05/1975.

Artistas e Intelectuais buscam a paz no morro. O Globo, 11/03/1976.

O berço mágico dos primeiros cariocas. O Globo, 20/05/1979.

Santa Teresa: República dos Pacíficos. O Globo, Rio de Janeiro, 24/04/1981.

Largo das Neves, seus tipos, sua vida pacata. O Globo, 19/10/1982.

Sempre aberto, o bar do Adolfo. O Globo, Rio de Janeiro, 04/01/83.

Santa Teresa é hoje o bairro menos violento da cidade. Jornal do Brasil, 9/12/84.

Santa Teresa recupera calçamento antigo. Jornal do Brasil, 13/11/1986.

Um bairro sitiado por traficantes. Jornal do Brasil, 20/07/1994.

ABSTRACT _____

This study is about present days of the traditional quarter of Santa Teresa in the city of Rio de Janeiro, Brazil. The research has the aim of portraying the quarter by focusing it through images built by

inhabitants. These images are important to understand the practiced space.

KEYWORDS _____

Quarter; Image; Practiced space.